



Francisco reconhece que o bom povo português pode ser santo

Não posso deixar de sublinhar, em primeiro lugar, o modo como o Papa Francisco se referiu ao povo português. “O povo português é bom, hospitaleiro, generoso e religioso, ama a paz e quer a justiça”, diz o Papa. É impossível não sentir um frémito de orgulho ao escutar estas palavras! De igual modo fiquei feliz com os elogios aos sacerdotes — “preparados espiritual e culturalmente, que desejam dar um testemunho cada vez mais coerente de vida interior realizada de modo evangélico, enquanto enraizada na oração e na caridade” — e ao episcopado português, descrito como “fraternalmente unido”.

Nas palavras do Papa Francisco, dirigidas à Igreja portuguesa, encontro um estímulo para o programa pastoral da Igreja Bracarense deste ano. Aliás, elas vêm precisamente ao encontro das minhas preocupações e indicações, expressas em homilias, discursos, exortações a nível individual e comunitário, nos mais variados ambientes. O contexto das visitas pastorais assume aqui especial importância, uma vez que o Papa diz que é preciso prosseguir uma metódica evangelização dirigida às pessoas e às comunidades. O sucessor de Pedro não deixa de reconhecer que existem paróquias “estagnadas e necessitadas de reavivar a fé baptismal”. Um diagnóstico justo e realista, já por nós identificado, na medida em que coincide perfeitamente com o tema pastoral da arquidiocese: “redescobrir a identidade cristã”.

Por outro lado, o Papa alerta e lança um desafio para o sentido da corresponsabilidade laical, uma vez que existem “paróquias fechadas e centradas no seu pároco”. Ele mesmo desafia essas paróquias a abrirem-se a uma dinâmica exigida por uma verdadeira comunhão eclesial.

Uma outra notável coincidência que encontro no discurso do Papa Francisco com o nosso programa pastoral é a reafirmação de uma verdade intemporal: “a nossa felicidade depende absolutamente de individuar e seguir o chamamento de Cristo para a missão”. Não podemos deixar de descortinar aqui um apelo ao grande objectivo deste ano pastoral que se inicia, o de todos experimentarmos a alegria de ser discípulos missionários.

Ao mesmo tempo, Francisco questiona a Igreja em Portugal. Em relação à Igreja de Braga, o Santo Padre fá-lo quando se refere à pastoral juvenil, isto é, aos jovens a



quem não devemos ter medo de chamar e comprometer na missão da Igreja. Francisco relembra que temos catecismos bem elaborados na catequese, mas teremos de tomar consciência de uma outra exigência dos tempos que correm. “Ao catequista e à comunidade inteira é pedido para passar do modelo escolar ao catecumenal: não apenas conhecimentos cerebrais, mas o encontro pessoal com Cristo, vivido em dinâmica vocacional segundo a qual Deus chama e o ser humano responde”. Não estará aqui uma verdadeira confirmação da necessidade urgente de sacerdotes, leigos e comunidades trabalharem uma pastoral da fé viva e vivida, de modo a que tenhamos cristãos adultos e responsáveis na Igreja e no mundo? É que Francisco também recorda que, sem esta adesão pessoal a Cristo, a Igreja não conseguirá deixar a sua marca positiva na sociedade hodierna. Ninguém ignora que hoje assistimos a uma quase imposição de um pensamento único ao qual todos, quase sempre inconscientemente, aderimos. A Igreja deve ter a capacidade criativa para propor, ousadamente, um pensamento diferente, fundado na verdade de Cristo, verdadeira e única fonte de mundo novo na sua dimensão cultural e social.

Por fim, e parafraseando o Papa Francisco, os portugueses podem estar certos disto: se forem fiéis a Cristo, Portugal não só terá um “povo bom, hospitaleiro, generoso e religioso, que ama a paz e quer a justiça”, como terá um povo santo. E um país com um povo santo é um país melhor.

+ Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*